

PREFÁCIO

Conheci o António no Hospital de São João.

Juntamente com os habituais Colaboradores da Capelania, o António aparecia ao Domingo para ajudar no que fosse preciso. Umaz vezes com outros escuteiros, outras vezes com casais da paróquia e outras, ainda, sozinho, por razão nenhuma, apenas para ajudar.

Não raras vezes, o via dentro da Capela a rezar ou à porta a receber instruções.

Em muitas das minhas memórias vejo-o a descer às enfermarias, a fim de convidar os doentes para a Missa e, mais ainda, a sair dos elevadores do piso 9, com doentes pelo braço, conduzindo-os em cadeira de rodas ou empurrando as próprias camas das enfermarias pouco tempo antes de a celebração começar.

No entanto, a lembrança maior que guardo do António é a dele com o seu irmão Manel.

O Manel e o António, juntos na cadeira de rodas do Manel, são para mim, ainda hoje, como o Cireneu ou a Verónica e Jesus. O trato de cumplicidade e a profunda compreensão, o assoar do nariz e o limpar da baba, o cobertor por cima das pernas, ou a mão por cima do ombro, tudo era sinal do amor maior de irmãos e da fragilidade dos dois. Nunca consegui aferir quem é que cuidava mais das fraquezas do outro.

O Manel esteve algumas vezes internado no Hospital de São João. Em todos os Domingos do seu internamento, o António acompanhava outros doentes para a Missa, mas nunca se esquecia do irmão, que adorava a Eucaristia e chamava ao padre “papa”, feliz e sorridente. O António sentava-se atrás da cadeira de rodas do Manel e só saíam no

final. Era tremendamente bela e eloquente esta imagem dos dois irmãos, unidos apenas pelo amor e pela fragilidade.

O título dado a este livro representa muito bem aquilo que o António nos oferece: as suas memórias do voluntariado missionário no Uganda. No entanto, este título bem podia ser complementado com um título igualmente querido ao António e que tivesse a ver com o irmão Manel e a gratidão de se ter um irmão assim: com deficiência mental. Melhor dizendo, o irmão Manel e os “Manéis” do Uganda, que o António procurou junto das crianças deficientes que as Irmãs religiosas da Diocese de Kampala ajudam diariamente, com o nada que têm, são os mesmos irmãos que Jesus Cristo nos entrega para que o cuidemos como se do próprio Jesus se tratasse.

No fundo, este livro é a memória das memórias de um cristão. Um cristão tem sempre o seu coração livre e desimpedido para ajudar o próximo. Um cristão sabe sempre que Jesus não se encontra apenas no Sacrário da Igreja, mas nos Sacrários ambulantes que é a Igreja de mulheres e homens, que vão ao encontro de quem mais precisa.

Ser cristão, discípulo de Jesus, é fazer a sério o que o António e os outros seus companheiros de missão fizeram no Uganda, naquele orfanato tão pobre, de crianças deficientes.

Naqueles dias de missão, tudo ficou para trás: família, terras, trabalho, tal como Jesus pediu a quem decidisse segui-l’O.

Felicito o autor, bom cristão e aplicado missionário, pela obra arriscada e generosa da publicação deste livro. Quem o ler, não ficará indiferente. Pela certa, há-de apetecer-lhe logo fazer o mesmo que o António e os outros missionários. Contudo, são tantas as formas de ajudar o próximo, que nalguns dos casos nem será preciso sair do lugar!

Comece cada leitor por fazer a diferença com os seus e os da sua casa.

O título “Em missão - Diário de um voluntário” será sempre a história da vida em constante missão do António, do Manel e de todos nós.

Padre Paulo Teixeira
(Capelão do Hospital de São João - Porto)

Em missão

Filho de um casal humilde, o mais novo de seis irmãos, de pequenino fui educado na religião católica. Por infortúnio do destino, sempre vi a minha saudosa mãe dedicar-se de corpo, alma e coração ao meu irmão, deficiente mental profundo - o nosso Manel!

Essa vivência, mesmo sem me aperceber, alertou-me para a missão que Jesus Cristo trouxe a este mundo: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

A minha mãe Cândida e o meu pai Manuel sempre conjugaram esforços para estarem presentes, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, na vida do meu irmão, sem nunca descuidar os outros cinco filhos. O Manel precisava muito de todos nós, mas mais da minha mãe.

Sempre senti dentro de mim um chamamento, e continuo a reafirmá-lo, mesmo sem saber porquê.

Os anos passaram, namorei, casei e sempre me mantive atento e presente na minha família de origem. Passar um dia sem ir a “nossa casa” estava fora de questão!

Continuei a dedicar parte do meu tempo no auxílio aos outros. Era o coração que mo pedia.

Particpei ativamente na vida associativa e a nível religioso, chegando a ser catequista durante muitos anos. Que honra poder semear nas crianças pequenas sementes de amor, respeito, fé!

Tenho por hábito visitar doentes no hospital, mesmo aqueles que não conheço e acompanho os que podem participar na celebração eucarística de domingo na Capelania do S. João.

Mas o meu grande orgulho é o encontro com homens e mulheres (e grandes almas que alguns são) a quem chamam

sem abrigo e que sofrem de exclusão por parte da sociedade e, frequentemente, também, pela própria família.

Gosto imenso de partilhar algum do meu tempo com eles escutando as suas histórias de vida (que intensas narrativas já ouvi!), até mesmo na hora em que não há necessidade de palavras, pois apenas estão desejosos de uma sopa ou algo quente.

Muitas vezes, e apesar da noite gelada, regresso com a carteira vazia, mas com a alma rica e aquecida. É muito mais o que recebemos deles do que aquilo que lhes damos!

Mas não me bastava!

Sentia que me faltava algo, ambicionava mais...!

Em Dezembro de 2008 enfrentei um novo desafio: estive na origem da criação de um Agrupamento de Escuteiros na minha comunidade.

Que responsabilidade, que orgulho, que poderosa ferramenta eu tinha nas mãos! Ainda hoje sinto-me de coração cheio por poder trabalhar com crianças e jovens e acompanhar os seus percursos como dirigente do Corpo Nacional de Escutas, enfrentando todo o tipo de desafios.

Foi neste contexto que os Missionários da Consolata, na pessoa do Pe. Thomas, me contactaram para propor uma missão de voluntariado missionário no Uganda.

A missão de uma vida: ajudar crianças e adultos com deficiência.

Foi uma epifania!

Como diz o ditado, Deus escreve certo por linhas tortas...Tinha chegado o momento de dizer SIM, sem olhar para trás.

Eram os irmãos como o meu irmão que eu ia ajudar. Estavam longe, a mais de nove mil quilómetros, certamente que não tinham uma mãe dedicada como a minha, e eu podia lá ir fazer a diferença.

Ao recordar isto, tenho a certeza de que a minha mãe, que já não se encontra entre nós, me impulsionava a avançar sem medo, como se tivesse enviado todos os anjos para me protegerem. Sentia uma força enorme e inexplicável: não parei mais!

Com o apoio da minha esposa, Paula, e a total aceitação das minhas filhas, Beatriz e Matilde, na minha vida floria um novo propósito.

O momento "alto" estava reservado para o final do dia. Ao sair do orfanato, o engenheiro responsável pelas obras, o senhor Benjamim, deu-me um forte abraço. Apesar de estranhar, retribui comovido pois percebi que aquele gesto era sinal de agradecimento. A nossa presença significava ter trabalho, ter dinheiro para colocar comida na mesa, não só na dele como na dos que com ele trabalhavam.

A missão cresce e mais pessoas envolve!



Os trabalhadores com as suas t-shirts iguais



Uma das paredes depois de pintada.

Índice

Agradecimentos	7
Prefácio	9
Em missão	15
Voluntariado Missionário da Consolata	21
Dia 1	25
Dia 2	27
Dia 3	31
Dia 4	35
Dia 5	39
Dia 6	41
Dia 7	45
Dia 8	47
Dia 9	49
Dia 10	53
Dia 11	55
Dia 12	57
Dia 13	59
Dia 14	63
Dia 15	65
Dia 16	69
Dia 17	71
Dia 18	73
Dia 19	75
Dia 20	77
Dia 21	79
Dia 22	81
Índice	83